

Paulo Roberto Ceccarelli

In: Psicanálise e Sexualidades: Quem fala de sexualidade hoje?
Romano, C; Oliveira, C. Ceccarelli, P. (orgs). São Paulo: Zagodoni, 17-28, 2025.

A história da sexualidade deve ser feita, antes de mais nada,
do ponto de vista de uma história dos discursos.
(Foucault, 1985)

Introdução

A citação de Foucault acima nos indica o percurso que gostaria de discutir neste trabalho: as alterações nas leituras do sexual e da sexualidade, a partir das mudanças discursivas.

Graças aos movimentos sociais – as lutas políticas, as questões ligadas às construções identitárias, a “escolha sexual”, as dinâmicas pulsionais que subjazem às modalidades de excitação erótica – as expressões da sexualidade têm aberto novos caminhos. Contudo, as mudanças de hábitos e perspectivas só foram possíveis graças ao surgimento de novas formas discursivas, tributárias dos processos secundários, que permitiram que as expressões do sexual (processos primários) ganhassem novas nomeações. Nessa perspectiva, a pergunta norteadora desse encontro e que testemunha esse fato – *quem “dá” para falar de sexualidades hoje?* –, só pôde ser colocada porque as práticas sexuais vêm recebendo novos olhares que refletem as mudanças discursivas, logo de poder, relativas às manifestações do sexual.

Os temas abordados refletem bem tais mudanças e revelam um novo cenário, ainda que muitas dessas posições libidinais tenham sempre existido, embora não fossem nomeadas: Sexualidade, a es-

piada e a expiação na erótica freudiana. Provoações à sexualidade na psicanálise: da perversão ao queer; Experiência e acolhimento de pessoas trans; Robert Stoller e a Pornografia. Vivendo de porno- grafia na era digital. Tema da masturbação no desenvolvimento da teoria freudiana. Roupas que [contra]dizem: Notas sobre gêneros, sexualidades e prostituição na polifonia da cena urbana. Atuação na prostituição e movimento trans. Quem é puta? Prostituição e sexua- lidade feminina.

Temas, muitas vezes, considerados “marginais”, pois confron- tam a moral sexual vigente, as relações heteronormativas dominan- tes e as identidades cis, resgataram o pensamento central dos *Três Ensaios*: no animal humano, a sexualidade é uma perversão do ins- tinto; ela toma um outro caminho (Freud, 1905).

As tentativas de se compreender os caminhos do sexual e os subsequentes discursos sobre a sexualidade nos mostram que tais discursos são artefatos sociais inseparáveis do jogo de poder nos quais emergem, garantindo que a “realidade” seja apresentada como algo natural e inquestionável. Eles retratam as inúmeras ma- neiras de deliberar sobre as práticas sexuais, isto é, sobre as manifes- tações do sexual, em um momento sócio-histórico dado, visando o controle da vida social e política, assim como os “prazeres da carne” (Ceccarelli, 2007; 2019).

A “História das Práticas sexuais” (Gregersen, 1983) e a antropo- logia nos informam o quanto tais práticas são repetitivas, senão mo- nótonas: todas as culturas são interpeladas pelo enigma do sexual e criam dispositivos – os discursos sobre a sexualidade – para regular as demandas pulsionais.

A impressionante profusão de discursos sobre a sexualidade, o que inclui a psicanálise, a sexologia, a medicina, a pornografia, as questões de gênero, dentre outros, não teriam surgido em uma cultura na qual a moral sexual não produzisse o “nervosismo mo- derno” (Freud, 1908). Através dos discursos sobre a sexualidade, sempre fadados ao fracasso, tenta-se normatizar e, ao mesmo tem- po, patologizar a alteridade interna: “essa parte de mim, que eu des- conheço, e que me guia”, como diz F. Pessoa.

O sexual e a sexualidade

O sexual foi uma das descobertas mais importantes de Freud, um dos pilares da teoria psicanalítica. É o tema central no texto de referência: o famoso *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, traduzido por *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905). Trata-se, de fato, de uma teoria *sobre o sexual* (zur *Sexualtheorie*), e não *sobre a teoria da sexualidade* (*Geschlechtertheorie*). Traduzir *Sexualtheorie* por “teoria da **sexualidade**” se afasta da ideia freudiana de uma “teoria (sobre o) **sexual**” (*Sexualtheorie*), que demarca os enigmáticos cami- nhos do sexual, responsáveis pelas dinâmicas pulsionais constitui- vas de subjetividades.

No texto, Freud discorre sobre as vicissitudes do sexual infantil, na qual a procriação está ausente, em sua busca anárquica, incessan- te e amoral de prazer, sendo o objeto o que menos importa. O se- xual é polimorfo, múltiplo e perverso; é o recalcado por excelência; é o próprio inconsciente que se manifesta nas fantasias, nos deva- neios, nas preliminares do ato sexual, nos atos falhos e nas ocasiões quando somos surpreendidos pelo estranho (*Das Unheimlich* Freud, 1919). Tudo serve, embora nada satisfaça, para que a tensão dimi- nua: a *Trieb*, a pulsão, o impulso, é uma força contínua.

Os conflitos, traumas e desejos presentes na subjetividade do adulto nos informam sobre a criança de outrora. No adulto, o sexual infantil, ou o infantilismo da sexualidade, que a criança coloca em cena, está recalcado, constituindo-se o núcleo do inconsciente, cujo acesso só é possível através de suas representações, e onde o tempo cronológico não existe.

No terceiro do afamado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, intitulado *As metamorfoses da puberdade*, Freud, (1905) discorre so- bre os destinos da pulsão sexual quando as mudanças anatomofi- siológicas ganham o primeiro plano: uma “pulsão imitada”, sugere Laplanche (1987). Mas, por que imitada? É que por mais que leve- mos em conta a noção freudiana do *primato do genital*, que caracte- rizaria a sexualidade adulta, o próprio Freud deixa claro que um tal *primato* é uma ficção (Freud, 1905; 1923). O *primato* do genital, bastante útil do ponto de vista normativo, é marcado pela “pulsão

imitada”: pelo infantilismo da sexualidade que a puberdade atualiza. Falar do *primato* do genital é, sem dúvida, menos ameaçador do que considerar a polimorfia da sexualidade infantil, sempre presente em nossa vida: “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, nos diz a bela música *Dom de Iludir* de Caetano Veloso. Contudo, o problema do sexual – “não somos senhores em nossa própria casa” (1917) – permanece intacto, como o cotidiano da clínica nos mostra. As posições psicanalíticas revelam um ser humano que desconhece as origens de suas escolhas e de seus desejos.

Liberados do programa biológico, marcado por objetos predefinidos de satisfação guiados pelos instintos, os destinos dos impulsos sexuais (*Sexualtriebes*) no humano são sempre enigmáticos. Para eles, a psicanálise não dá uma resposta definitiva, pois os fatores em jogo são inúmeros e dependentes das histórias libidinais de cada um, ou seja, das “séries complementares” (Freud, 1917, p. 423)³. Ao tornar-se um impulso (*Trieb*) sem objeto predeterminado de satisfação, mas mantendo a mesma força (*Drang*) do instinto, a *Trieb* é representada no psiquismo pela fantasia, sempre pronta a mudar de meta, “desenhando na superfície do corpo uma geografia da excitação que desconsidera o “primado do genital” (André, 2016, p. 116).

As duas dimensões da realidade

Gostaria de discutir uma assertiva psicanalítica que considero fundamental, e que convoca reflexões mais detidas: as interações entre os processos primários (princípio do prazer) e os secundários (princípio da realidade), das quais Freud nos fala em seu texto de 1911 “Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico”. Também traduzido como “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”. Tal perspectiva sugere que a psicanálise trabalha com duas “realidades”, no sentido quântico da palavra.

³ Hereditariedade; elementos constitucionais; influências acidentais; a intensidade de uma experiência particularmente traumática.

Na perspectiva quântica, “não existe uma passagem linear, contínua e discreta do mundo quântico para o [mundo] visível, o que faz com que a realidade seja uma construção” (Ceccarelli, 2009, p. 925). A psicanálise diz isso, à sua maneira, ao sustentar que nunca temos acesso direto ao inconsciente, mas somente às suas manifestações. Com isso, é a realidade psíquica que deve ser levada em conta, e não a material (Ceccarelli, 2019).

A barra do recalque impede o acesso direto à matéria bruta dos processos primários, que sustentam nossas construções. As duas “realidades” (processos primários e secundários) têm leis próprias: as do primário, marcadas por deslocamento, condensação, atemporalidade, etc., são imutáveis desde a origem da humanidade (Freud, 1913), e tributárias, por um lado, das moções pulsionais em busca de satisfação e, por outro, das limitações impostas pelo trabalho de cultura (*Kulturararbeit*). Esta parte invariável da alma humana “põe a nu o homem primevo que existe em cada um de nós” (Freud, 1915, p. 338).

Já os processos secundários traduzem as construções discursivas que utilizamos para nos deslocarmos no simbólico. Tais construções guardam relações diretas com os movimentos identificatórios que nos constituíram: somos condenados às identificações por falta de identidade. Elas são subordinadas a fatores sócio-históricos, apresentam leituras diferentes ao longo do tempo, e variam segundo as épocas e a moral da cultura, produzindo doenças nervosas como saída possível para a repressão sexual (Freud, 1908). Em uma carta a Putnam, Freud (1915b) escreve: “a moral sexual, como é definida pela sociedade, na sua forma mais extrema, a dos Estados Unidos, parece-me muito desprezível. Defendo uma vida sexual incomparavelmente mais livre” [logo, uma sociedade menos neurótica].

Ainda que não se possa negar as mudanças discursivas trazidas pelas novas leituras simbólicas, que reorganizaram a circulação dos afetos, tais mudanças não atingem a dinâmica dos processos primários.

A passagem dos processos primários para o secundário, a travessia da barra do recalque, é feita através dos mitos, patrimônio fantasmático de uma cultura. Graças a eles e à cosmologia que sustentam, cria-se um ponto de partida que permite historicizar a ori-

gem do homem, dos animais e das coisas, assegurando, assim, a passagem do caos para a ordem, do irrepresentável para a linguagem ou, no jargão laciano, do gozo ao desejo.

A teoria psicanalítica é atravessada por mitos, a começar pela própria teoria das pulsões que “é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões (*Triebe*) são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão” (Freud 1933, p. 119). Temos, igualmente, o mito de Édipo, Narciso e tantos outros que compõem o que poderíamos chamar de uma (in)certa cosmologia psicanalítica, atestando o universal da psicanálise.

A psicanálise se utiliza, igualmente, de vários relatos míticos para falar das origens: o mito da era glacial exposto em *Neuroses de transferência: uma síntese* (Freud, 1987), que marca o início da saga do *tornar-se humano*. Esse mito relata as mudanças provocadas no meio ambiente, por uma catástrofe glacial sem precedentes que, inexoravelmente, determinou o destino da espécie que, mais tarde, seriam os humanos, além de provocar repercussões diretas e imediatas nas possibilidades e modalidades de satisfação, o que levou a passagem do instinto (*Naturtrieb*) à pulsão (*Trieb*). O mito seguinte, que marca origem da cultura, dos limites, enfim da Lei, está descrito em *Totem e Tabu* (Freud, 1913). Ferenczi (2003, p. 5) entende os mitos como “a expressão simbólica das pulsões recalçadas da humanidade”.

Da mesma forma, os *Romances familiares* (Freud, 1908/09), *O mito individual do neurótico* (Lacan, 1953), construídos na análise, permitem ao sujeito (re)significar sua história e atribuir representações psíquicas a seus afetos, o que lhe permite situar-se no tempo e se localizar no espaço: o mito é uma palavra fundadora de identidade. A perda mitológica pode ser vivenciada, em alguns casos, como uma perda identitária, provocando o colapso da função simbólica, e entervando a circulação pulsional.

As considerações sobre os processos primários e os secundários, sobre a comunicação entre os dois sistemas, sobre os mitos, tudo isso, enfim, nos remete a um dos pontos mais discutidos por Freud, e por seus seguidores, e que constituiu um dos ingredientes para o abandono da teoria da sedução: a questão da realidade em psicanálise, isto é, o sexual e a verdade do sujeito (Ceccarelli, 2019) que, como sabemos, tem estrutura de ficção (Lacan, 1956-1957).

A condição humana é feita dessas duas realidades que coexistem, cujas influências devem ser constantemente reavaliadas dialeticamente. Quando nos aferramos aos processos secundários, e mobilizados pelos afetos que as mudanças sociais produzem, vemos aí algo negativo, corremos o risco de criarmos um discurso normativo para que nada mude, ou um discurso carregado de posições moralistas, que defende que qualquer mudança trará consequências terríveis, além de apresentarem visões pessimistas sobre o futuro. O fantasma de que estamos caminhando para um caos completo sempre assombrou o homem ao longo da história, pois reatualiza o desamparo fundante do ser humano (Ceccarelli; Levy, 2020). Contudo, nos sentimos ameaçados agora, por razões puramente narcísicas que ameaçam nossa leitura do real. Como nos lembra Freud, “na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto” (Freud, 1908b, p. 151). Não por acaso, testemunhamos regularmente, nos quatro cantos do mundo, os mais diversos movimentos repressores para que nada mude. Para que as representações que sustentam a realidade permaneçam inalteradas.

O *quantum* de afeto dos processos primários em busca das representações psíquicas que transformam o sexual em psicosexual, sempre existiu. Na atualidade, os suportes (os representantes) oferecidos pela cultura, isso é, pelos processos secundários (lembramos que a oferta cria o desejo – objeto “a”), podem levar a um recrudescimento do narcisismo como forma de suportar a intensidade das ofertas. Para certas pessoas, um leve aumento no *quantum* de energia ligado ao afeto, elevando intensidade de sua representação (mais ansiedade, depressão, ódio, mais fome, mais inveja...), é o bastante para buscar a *medicalização dos afetos*, fato, aliás, cada vez mais presente, sobretudo no universo infantil e na pedagogia, que se traduz em lucros enormes para a indústria farmacêutica.

Os processos primários e os secundários marcam, como vimos, as duas dimensões psíquicas, e nos auxiliam, igualmente, a compreender por que, a despeito de tanta “revolução sexual”, o contato com o sexual continua problemático. Nos consultórios, os sintomas marcados pelo sexual, presentes desde sempre, continuam: frigidez, ejaculação precoce, disfunções diversas. As mudanças sociais leva-

ram a uma desrepressão (processos secundários) da sexualidade imposta pela moral sexual. Contudo, a desrepressão da sexualidade não tornou o contato com o sexual – processos primários – mais simples, pois não foi acompanhada de um desrecalcamento da sexualidade – como, aliás, não poderia sê-lo. Temos aqui duas variáveis que afetam dimensões diferentes: de um lado, o recalçamento do sexual, movimento constitutivo do ser humano e condição própria para a existência da civilização; do outro, a repressão da sexualidade, tributária da moral sexual cultural (Freud, 1905).⁴ Acreditamos que seja por esse motivo que os conflitos sexuais sempre existiram, existem e existirão.

Sem dúvida, a desrepressão da sexualidade possibilitou que “novas” subjetividades fossem mais “toleradas”, além de sustentar lutas políticas. Essa “tolerância”, cada vez mais presente na clínica e no tecido social, marca modalidades contemporâneas de alienação no desejo do Outro. Por vezes, essas subjetividades causam espanto em alguns pela novidade de sua configuração: transgêneros, transexuais, bissexuais, sujeitos não binários, homem com vagina, mulher com pênis, assim outras novas designações que surgem constantemente, além de, já o dissemos, novas formas de satisfação erótica.

É interessante observar que certas manifestações ocorrem particularmente no final da puberdade, quando a polimorfia da sexualidade infantil é revisitada. Porém, os processos repressivos de outrora, tributários do secundário, impediam que certas manifestações da sexualidade se expressassem, gerando desconfortos subjetivos presentes nas identidades *cis* ou *trans* (Ceccarelli, 2013).

Acredito que uma das maiores dificuldades na escuta das apresentações discursivas que fogem ao discurso normativo se deva ao fato de estas mudanças estarem bem próximas dos conteúdos reprimidos do analista. A partir daí, tenho por hipótese que assim como

⁴ Em uma nota em *A interpretação dos sonhos*, Freud escreve: “Omiti declarar se atribuo significados diferentes às expressões “suprimido” (*Unterdrückung*) e “reprimido” (*Verdrängung*). Deveria ser claro, contudo, que o último dá mais ênfase que o primeiro ao fato de sua ligação com o inconsciente” (Freud, 1900, p. 645, nota 1; GW, II/III, p. 612).

a neurose é o retorno do recalçado, a perversão é o retorno do reprimido. Apresento esta hipótese tendo por base um dos textos em que Freud fala de maneira mais clara sobre os destinos perversos da pulsão – *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Nesse texto, fundamental para a compreensão dos destinos pulsionais a partir do trabalho de cultura (*Kulturarbeit*), o termo em alemão empregado por Freud ao longo do texto é repressão (*Unterdrückung*) das pulsões (e não recalque [*Verdrängung*]). Isso significa que quanto mais repressora for a sociedade, mais seus membros recorrerão a soluções perversas para dar vazão às pulsões, o que significa que menos aceitarão as mudanças discursivas.

As mudanças que assistimos na atualidade oferecidas pelos processos secundários exigem um trabalho de luto, para que novos investimentos objetivos, novas expressões da sexualidade possam ser aceitos em detrimento dos antigos. O sentimento de desamparo que tais mudanças evocam em alguns é, em certa medida, compreensível, pois renunciar às antigas posições libidinais oferecidas pelos processos secundários equivale a uma reavaliação de sua própria “verdade”.

Para concluir

Espero ter mostrado que só podemos entender as dinâmicas sexuais que subjazem às inúmeras expressões da sexualidade, assim como as formas de excitação erótica que nos levam a colocar a pergunta *quem “dá” para falar de sexualidades hoje?*, analisando-as a partir das mudanças discursivas.

Quando nos dispomos a ouvir os sujeitos cujas dinâmicas pulsionais e escolhas de objeto divergem dos “tradicionais” sem classificá-los como desviantes e, sobretudo, sem nos sentirmos ameaçados pelo retorno de nossas moções pulsionais recalçadas e reprimidas, as diversas manifestações do sexual serão entendidas como mais uma expressão da dinâmica pulsional.

Tal posição subjetiva do profissional, o que inclui os psicanalistas, leva-nos a repensar os instrumentos classificatórios e a perguntar com qual ouvido escutamos e em que medida os diagnósticos

nos servem de defesa contra o retorno da própria sexualidade recalçada.

Quando procurarmos entender de forma mais detida as dinâmicas pulsionais que sustentam as múltiplas expressões da sexualidade humana, somos levados a concluir que os discursos sobre a sexualidade são criações tributárias do momento sócio-histórico da cultura na qual emergem, e que nunca refletem a verdade do sujeito. Os processos identificatórios que nos constituem são inseparáveis da organização simbólica da cultura, e testemunham as inúmeras possibilidades de subjetivação capazes de “humanizar” o bebê humano, desfazendo, assim, a ideia de uma natureza intrínseca e reguladora, e denunciando

(...) um instrumento que por muito tempo serviu para obrigar-nos a aceitar as formas de sociabilidade tradicional marcadas pelo positivo de Gênero e pelo discurso de ordem simbólica entendido, ao mesmo tempo, como horizonte intransponível e como realização de uma humanidade manifesta. (Bertini, 2009, p. 143)

Os temas apresentados no congresso levam-nos a perguntar como escutar os sujeitos que não se enquadram nas dinâmicas pulsionais tradicionais, possuem outros hábitos, outras formas de satisfação pulsional, formas de prazer que não respondem aos cânones tradicionais, e assim por diante. Temas que afetam diretamente o modelo heteronormativo e cisnormativo. Sabemos, contudo, que todo ser falante, independentemente de sua “identidade de gênero” (trans ou cis), terá sempre um sentimento de estranheza, pois o real do sexo é inatingível.

As identidades *cis* ou *trans* traduzem possibilidades da dinâmica pulsional, marcando a particularidade da constituição do eu. Se os processos identificatórios são tributários da cultura na qual emergem, elas trazem a marca da diversidade, produzindo inúmeras modalidades de subjetivação capazes de “humanizar” o bebê humano.

Os temas sugerem que a masculinidade e a feminilidade são pontos de chegada e não de partida. Ademais, o ponto de chegada é sempre uma construção tributária da particularidade dos processos

identificatórios e do lugar que o recém-nascido, candidato a sujeito, ocupa na interpretação que ele faz do desejo do Outro; no desejo de quem lhe deu, ou não, o que chamo de “berço psíquico” quando de sua chegada ao mundo (Ceccarelli, 2002). Cabe repetir: por não termos identidade, somos condenados às identificações.

O caráter incerto da masculinidade e da feminilidade, assim como a dificuldade de definir masculino e feminino, rompe com a realidade anatômica, como bem o mostra as teorias de gênero atuais. A significação dessas noções retrata convenções culturalmente construídas, e não predisposições instintuais geneticamente herdadas (Freud, 1930).

As questões colocadas aqui precisam ser incluídas no debate psicanalítico, para não cometermos os mesmos equívocos, de consequências igualmente graves, dos denunciados por Freud logo no início dos *Três ensaios*. Parafraseando Freud, podemos dizer que acreditar que as construções identitárias e os movimentos responsáveis pela excitação erótica tenham uma essência natural é uma fábula poética (Ceccarelli, 2022).

Para terminar, gostaria de lembrar que, para Freud (1915), os processos primários não se alteram, e as questões ligadas ao sexual serão sempre enigmáticas, gerando as mais diversas reações sociais, e fazendo a história humana, o que inclui que o conflito entre o sexual e a cultura seja um eterno recomeçar.

Referências

ANDRE, J. Nascimento da sexualidade humana. In: *Sexualidade: três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

BERTINI, M-J. *Ni d'Eve ni d'Adam: défaire la différence des sexes*. Paris: Max Milo, 2009.

CECCARELLI, P.R. Novas Configurações familiares: mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, v. 40, n. 72, p. 89-102, São Paulo, jun. 2007,

_____. Don Quixote e a transgressão do saber. *Revista Mal-estar na Subjetividade*, v. 9, n. 3, p. 917-937, Fortaleza set. 2009.

_____. *Transexualidades*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

_____. (2019). O sexual e a verdade do sujeito. In: E. ANDRADE, V. FREITAS & P. CECCARELLI (Orgs.). *A psicanálise na vida contemporânea*. Belo Horizonte: Literatura em Cena, 2019. p. 193-204.

LEVY, E. & CECCARELLI, P-R Considerações sobre o desamparo, angústia e trauma: a tragédia em Brumadinho. In: *BRUMADINHO: da ciência à realidade*. Liguori: Editora LiberArs, 2020. p. 139-158.

GREGERSEN, E. *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. São Paulo: Roca, 1983.

FERENCZI, S. (1933). *Importância da psicanálise na justiça e na sociedade* (Obras Completas de Sándor Ferenczi). v. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade, 1: a vontade de saber*. (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Graal, 1985.

FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 7.

_____. (1908) Moral sexual civilizada e doença nervosa. In: *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos.

_____. (1908b) O poeta e o fantasiar. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 9.

_____. (1909). Romances familiares. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 9.

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 12.

_____. (1913). Totem e tabu. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 13.

_____. (1915) Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos, p. 99-135.

_____. (1915b) *Correspondência de Amor e outras cartas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. (1915c). *Neurose de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

_____. (1917) Conferências introdutórias sobre a psicanálise. Conf.

XXIII. E.S.B. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16.

_____. (1919) O estranho. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.17.

_____. (1930) O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.

_____. (1933) Ansiedade e vida pulsional: Conferência XXXII In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22.

LACAN, J. (1956-1957) O seminário, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAPLANCHE, J. *Nouveaux Fondements pour la Psychanalyse*. Paris: PUF, 1987

